

O início agora é global

| 14/06/2007

As maiores empresas de tecnologia do planeta estão de olho em talentos de países emergentes - e alguns jovens brasileiros estão se aproveitando disso

Publicidade

Por Melina Costa

Até poucos anos atrás, o profissional expatriado encaixava-se em um estereótipo praticamente imutável. Nascido em um país rico, e na casa dos 40 anos, fazia carreira na matriz de uma multinacional até ser convidado para ocupar um cargo de destaque em alguma subsidiária da empresa, quase sempre em um país em desenvolvimento. Com ele vinham a mulher e os filhos -- todos mantidos por um gordo pacote de benefícios. De acordo com uma recente pesquisa da consultoria americana GMAC, esse perfil passa por drásticas alterações. Primeiro houve uma forte redução na idade dos expatriados. Agora, pelo menos metade deles tem entre 20 e 30 anos. A origem dos funcionários também mudou. Boa parte deles vem de países emergentes. Mas o mais impressionante diz respeito à trajetória desses profissionais. Muitos já são recrutados diretamente pela matriz sem nunca terem trabalhado nas unidades dos países onde nasceram. São indianos, chineses, russos, mexicanos, colombianos -- e brasileiros -- disputando vagas cabeça a cabeça. "As empresas estão contratando cada vez mais pessoas dos países em desenvolvimento, tanto para trabalhar nos países ricos como em outros países emergentes. O gerenciamento de talentos hoje é feito em escala global", diz Michael Dickmann, professor da Cranfield School of Management, em Londres, e autor de pesquisas sobre expatriação.

Na linha de frente desse fenômeno estão as empresas do setor de tecnologia, em especial as americanas. Tradicionalmente, essas companhias sempre foram mais abertas a profissionais de fora. Uma piada comum na região do Vale do Silício, meca da tecnologia, diz que a região construiu sua força graças aos IC (sigla para integrated circuits, a base da indústria da informática). No caso, a sigla é usada para fazer graça com as primeiras letras de indianos e chineses. Esse fluxo de talentos nunca foi tão intenso quanto hoje. De acordo com um estudo da universidade americana de Duke, 25% das empresas de tecnologia e engenharia criadas nos últimos dez anos nos Estados Unidos têm estrangeiros entre os fundadores. Dentro das grandes corporações, o panorama é semelhante. Metade dos engenheiros do Vale do Silício, de acordo com o último censo disponível, nasceu fora dos Estados Unidos. E, todos os anos, são concedidos cerca de 65 000 vistos para profissionais altamente qualificados nascidos no exterior, como programadores de software. "Esses profissionais vão estudar fora e são recrutados pelas empresas ainda nas universidades. Para elas, esse processo é muito

melhor do que transferir funcionários -- o que custa mais caro e o risco de dar errado é maior", diz Luiz Roberto Gouvêa, diretor-geral da consultoria de RH Towers Perrin no Brasil.

Não há números confiáveis que possam mensurar o universo de jovens brasileiros envolvidos nessa disputa global. Mas um levantamento realizado por EXAME, envolvendo apenas cinco das principais empresas de tecnologia do mundo (Google, Microsoft, Skype, Pixar e Yahoo!), constatou que eles não chegam a 100. São jovens com uma formação que inclui um curso superior, em geral feito no Brasil, e pós-graduação feita lá fora. O inglês deles é perfeito, e muitos estão em seu primeiro emprego. Uma exceção, considerada pioneira -- e exemplo -- por essa turma, é o carioca Ivo Kos. Aos 43 anos, ele ocupa hoje o cargo de diretor técnico da Pixar, a bem-sucedida divisão de animação digital da Disney. Entre seus trabalhos mais importantes estão as participações nos desenhos Toy Story 2 e Procurando Nemo, dois dos maiores sucessos de bilheteria da empresa. O grande salto de Kos foi um mestrado em computação gráfica feito na School of Visual Arts de Nova York, em 1989. Com o curso, ele se qualificou para trabalhar num setor que estava apenas começando e teve oportunidade de conhecer uma série de profissionais da área. Trabalhou na Sony Pictures, onde participou de superproduções como o filme Godzilla. Depois de outros sucessos de bilheteria, foi chamado para trabalhar na Pixar. "Se continuasse no Brasil, jamais conseguiria fazer o que faço hoje", diz Kos.